

Espaço cinematográfico, atmosferas filmicas: o cinema vertical de Maya Deren¹

Fernanda Ianoski Ferro²

Resumo

O presente trabalho busca investigar como a cineasta Maya Deren (1917-1961) cria seus espaços cinematográficos nas narrativas não lineares de seus filmes e como configuram-se as atmosferas filmicas reveladas em seus curtas-metragens, relacionando suas obras com seus escritos, especialmente com seu conceito de cinema vertical (poético). Articulando-se com a teoria de Deren, o trabalho pretende estabelecer um diálogo com os conceitos de atmosferas filmicas e espaços cinematográficos (GIL, 2005)

Palavras-chave: espaço cinematográfico; atmosferas filmicas, cinema vertical; Maya Deren.

O cinema vertical que cria espaços e atmosferas

Maya Deren começou sua trajetória artística como poeta, mas foram as imagens que se mostraram o meio pelo qual ela conseguiu criar suas poesias. Em seu modo de fazer cinema, Deren trouxe o pensamento e a construção da poesia, fazendo o duplo movimento de filmar e teorizar. Foi no simpósio *Poetry and the Film*, realizado em 1953, que Deren discursou sobre o que definiu como cinema vertical. Ela opõe a construção vertical (poética) do cinema à uma construção horizontal. Nesse simpósio, Deren fala que:

A relação entre as imagens nos sonhos, na montagem e na poesia é: elas estão relacionadas porque são mantidas juntas por uma emoção ou um significado que têm em comum, e não pela ação lógica. Em outras palavras, não é que uma ação leve a outra (isso é o que eu chamaria de desenvolvimento “horizontal”), mas elas são levadas a um centro, reunidas e coletadas porque todas se referem a uma emoção comum, embora os próprios incidentes possam ser bastante díspares. Considerando que, no que é chamado de desenvolvimento “horizontal”, a lógica é uma lógica de ações, num desenvolvimento “vertical” é a lógica de uma emoção ou ideia central que atrai para si até imagens díspares que contém aquele núcleo central em comum. Essa é, para mim, a estrutura da poesia. (DEREN, *Poetry and the Film*, 1953)

Para Deren as sensações que as imagens vão criando quando são colocadas juntas, intercaladas a partir de planos, é o que consiste na essência de seu cinema e do que seria fazer um cinema de poesia, em contraposição à uma narrativa clássica, que conta histórias

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Cinema e Audiovisual (PPGCine) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

através do encadeamento de ações. A partir dessas ideias de Deren abre-se uma possibilidade de diálogo com as concepções de atmosfera fílmica. Gil (2005) escreve que:

É a atmosfera também a responsável pelo mergulho do espectador em um filme, ou de um observador em uma pintura, um leitor em um poema. A atmosfera é capaz de “expressar o ‘não figurável’, este algo intangível e abstracto que, no entanto, pode ter uma presença fundamental no espaço representativo de uma imagem.” (GIL, 2005, p. 142).

O entendimento de uma atmosfera fílmica passa também pela compreensão de espaço cinematográfico, pois este constitui-se de um elemento importante onde a atmosfera vai se desenvolver. Também um ataque vertical, nos filmes, passa pela ideia de espaço e tempo que são criados de forma a explorar as capacidades próprias do cinema e criar algo que é próprio do meio:

Os espaços deixam de ser lugares passivos de coexistência das coisas, eles tornam-se actores e adquirem uma dimensão afectiva nova. Nesse sentido, a atmosfera fílmica aproxima-se da consciência de uma relação de si com os espaços coexistentes. A experiência emocional poderá ser comparável, a não ser que a atmosfera fílmica tenha sido criada a partir de artifícios meramente cinematográficos. (GIL, 2002, p. 101)

Com “artifícios meramente cinematográficos” Gil refere-se aos espaços criados exclusivamente de forma digital, com efeitos especiais, o que pode gerar muita artificialidade e dificultar o espectador de adentrar a esse espaço e travar uma relação de crença e envolvimento. Maya Deren, em seu texto *A magia é nova*, escreve que:

As potencialidades do cinema são ricas e estão inexploradas. O cinema pode relacionar duas geografias separadas mediante a unidade contínua de um movimento ininterrupto que começa em um lugar e continua em outro. Pode projetar eventos distantes cronologicamente como se fossem simultâneos. A câmera lenta e a agonia de sua análise revelam uma constelação cósmica no incidente mais casual. Ainda não há uma descrição verbal que possa expressar a sensação que transmite um meio que é basicamente visual. (DEREN, 2015, p. 78)

Esses deslocamentos espaço-temporais que não são naturais nem seguem as ordens físicas podem ser encontrados especialmente no segundo filme de Maya Deren, *At Land* (1944). Sobre esse filme, Deren escreve:

Sendo uma arte do tempo e do espaço, o cinema está especialmente capacitado como instrumento artístico para criar uma forma na qual a integridade da

identidade pessoal tem como contraponto a personagem volátil de um universo relativo. Essa relação dinâmica, com todas as suas implicações emocionais e ideológicas, é a preocupação central desse filme. (DEREN, 2015, p. 225)

Deren entende o cinema como meio metamórfico, onde a montagem faz essa ligação sequencial das imagens que mudam constantemente diante da tela. Diferentemente da pintura, que é fixa e única, o cinema sequencia imagens que contaminam umas às outras, e esses espaços construídos, um após o outro, conferem um elemento de criação para a atmosfera fílmica, defendida por Gil.

Referências

At Land. Direção: Maya Deren. Estados Unidos, 1944. PB, 15 min.

DEREN, Maya. **La magia es nueva.** In: El universo Dereniano. Textos fundamentales de la cineasta Maya Deren. Tradução de Carolina Martínez López. Cuenca: Ediciones de La Universidad de Castilla – La Mancha, 2015. p. 58-67.

DEREN, Maya. **Notas sobre películas y apuntes diversos.** In: El universo Dereniano. Textos fundamentales de la cineasta Maya Deren. Tradução de Carolina Martínez López. Cuenca: Ediciones de La Universidad de Castilla – La Mancha, 2015. p. 218-236.

GIL, Inês. A atmosfera como figura fílmica. in: **ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume I** – Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã. Covilhã, 2005.

GIL, Inês. A atmosfera fílmica como consciência. In **A atmosfera fílmica como consciência.** Edições Universitárias Lusófonas, 2002.

GIL, Inês. **A atmosfera no cinema: o caso de A Sombra do Caçador de Charles Laughton entre o Onirismo e Realismo.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2005.

Poetry and the Film: A Symposium. Willard Maas. Film Culture, n. 29, p. 55-63, 1963. Disponível em: https://www.ubu.com/papers/poetry_film_symposium.html. Acesso em: 08 jun. 2025.